



O RAP DE INTERVENÇÃO SOCIAL EM ANGOLA E SUA INFLUÊNCIA NO EXERCÍCIO DA CIDADANIA

Eduardo Yamina Agostinho¹
Mercio Noberto Kossi²
Adolfo Pereira De Souza Junior³

RESUMO

O Rap como parte da cultura Hip Hop que busca pela igualdade dos direitos entre os homens pautando a ascensão e emancipação das classes segregadas, lutando contra todo tipo de opressão e prega o exercício da paz como ideal perfeito para o mundo, traz consigo isso desde a sua gênese, embora musicalizada, a necessidade de fomentar cada vez mais a luta contra as assimetrias sociais se assenta, entretanto, Angola não é um palco esquecido ou isolado a está questão, daí que o presente trabalho traz uma discussão voltada a forma como o Rap se posiciona socialmente na luta contra a opressão em Angola, trazendo em destaque a progressão das lutas para o exercício da cidadania, entretanto, o mesmo trabalho foca os acontecimentos históricos que marcaram o surgimento dos os movimentos sociais e civis através da consciência de uma participação que vai crescendo apesar dos entraves impostos pelo governo de Angola.

Palavras-chave: Rap; Intervenção social; Angola e Cidadania.

UNILAB, Humanidades, Discente, eduardoyaminaa@gmail.com¹

UNILUANDA, FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL, Discente, mercionorbertokossi@gmail.com²

UNILAB, Humanidades, Docente, adolfo.junior@unilab.edu.br³

INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscar apresentar “A influência que a música Rap de intervenção social” teve para construção da consciência cívica dos jovens em Angola, trazendo em análise o seu papel no final dos anos 90 e as transformações culturais, sociais e políticas atualmente, sobre um contexto social com marcas não democráticas levada a cabo pelo governo angolano, ou seja, busca-se aqui mostrar através desse trabalho a dimensão artística, poética, de causas e lutas que as letras de música RAP retratam, gerando uma mensagem de resistência e criando assim, uma consciência representativa e reivindicativa para os seus ouvintes dando base para criação das primeiras manifestações, organizações e lutas cívicas em Angola, concretamente Luanda.

Criada por negros afrodescendentes e latinos, em 1973 nos Estado Unidos da America, Nova Iorque, concretamente na cidade de Bronx por DJ Kool Herc e sua irmã Cynd, o Hip Hop é considerado como uma das culturas mais populares do mundo e assente entre o Rap, Djing, Breakdance e o Graffit, chegam em Angola nos anos 80, através da exibição dos primeiros filmes e vídeo-clipes de breakdance, alguns dos quais, como Breakin’ (1984) de Joel Silberg, exibidos nos cinemas de Luanda e em rede nacional pela Televisão Popular de Angola (TPA), então único canal de televisão com transmissão para todo o país naquela altura (LAZARO& SILVA,2016). O que mais tarde traria jovens inspirados por rappers americanos, brasileiros e portugueses como Gabriel Pensador, Racionais Mc’s, Black Company a fazerem rap de intervenção social em Angola, questionando o estabelecido, iniciando assim a luta contra a permanência do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) dentre os quais se destacam os Filhos da Ala Este, Pobres 100 Culpas, MCK, Kool Klever, G-S Unit, Conjunto Ngonguenha, Flagelo Urbano, Pather Mack, Afroman, Bob da Rage Sense, Raf Thug, Brigadeiro 10 Pacote, Kissaca, Phay Grand O Poeta, Jang Nômada e Carbono, posteriormente Kid MC e outros, uma altura marcada pela guerra civil e os acordos de Bicesse realizados em maio de 1991, que abriria o país para o multipartidarismo e a democratização do Estado (ANTÓNIO,2015).

O Rap (Ritmo e Poesia), entendido como técnica rítmica onde o canto é mais falado com que cantado, ganha espaço e se torna o maior influenciador, fazendo com que os jovens angolanos em Luanda copiassem o que assistiam nos vídeos clipes e reproduzissem no seu quotidiano desde o vestuário até a forma de falar, criando uma explosão de artistas que fizeram desse estilo musical via para contestar, denunciar, renunciar toda e qualquer violação cometida pelo governo angolano e não só, assim, falar da Influência da música Rap de intervenção social em Angola. Objetivo: compreender a influência do Rap de intervenção social na construção da consciência cívica e o exercício da cidadania em Angola, analisando os efeitos na sociedade pós contato com as mensagens e conteúdo do rap social e político produzidos dentro de Angola, entre os anos 90 até então.

METODOLOGIA

Para entender melhor a influência que a música Rap exerceu na construção de uma sociedade angolana mais cidadã face ao governo do MPLA, usou-se o método qualitativo e as pesquisas documental e bibliográfica, pois, para alcançar o objetivo previsto de um trabalho científico é necessário acumular os conhecimentos científicos através dos estudos feitos por alguns autores com relação ao seu tema (JAU, 2018), então, foram feitas revisões bibliográficas de livros e artigos para o desenvolvimento do trabalho, acreditando na pesquisa bibliográfica, como caminho científico que ajuda a dar resposta a trabalhos com vista produzir saber (SEVERINO, 2007). As análises continuaram sendo feitas qualitativamente através da pesquisa documental também, tudo pela natureza do tema e pelo fato do mesmo trabalho ser concebido como meio para produção

de saber, por essa razão recorreu-se a documentos tais como, gravações, CD's e filme também

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os acordos de Bicesse realizados no ano de 1991, Angola caminhava para a segunda república, marcado por um liberalismo político sob o qual permitiu a realização das primeiras eleições em 1992, permitindo assim o lugar multipartidarismo e com isso o terminou superficial da República (Popular de Angola) monopartidária começada em 1975 com a independência de Angola. O início da guerra civil, sob a pressão das transformações globais pela geopolítica e da polarização política ou ideológica das superpotências antagonicas (os Estados Unidos da América e a União Soviética), denominada guerra fria, que culminou com o desgaste e o declínio da Soviética, que de acordo com ANTÓNIO (2015) Angola via-se obrigada a mudar ideologicamente a estrutura do ponto de vista económico, jurídico e sociopolítico a um sistema liberal de estado democrático de direito.

No ano de 1999, o grupo pioneiro do Rap de intervenção social, Os Filhos da Ala Este lançaram a música “ideal de paz” uma música que mais do que uma sirene a nível social retrata, a guerra que ocorria e denunciava o estado calamitoso de Angola, bem como a não aplicabilidade do que se perspetivou com os acordos de Bicesse no seu todo, enquanto a música “Angola profunda”, lançada no mesmo ano, era de facto uma exposição e manifestação do estado em que o país rumava, como mostra o trecho abaixo:

“Essa é “ngola profunda numa visão dos bastidores/ meu país é o da desilusão e dos sonhos amordaçados/ das esperanças subterradas e de ideias depravadas/ de um povo e de um país sem futuro” (Filhos da Ala Este, 1999).

Estas músicas serviram de inspiração a outras músicas de artistas na altura, como também despertaram os jovens, sobretudo os estudantes, conscientizando-os sobre a necessidade de se afirmarem e discutirem sobre o rumo do país, questionando sobre as tarefas do governo na condução da política a satisfação das necessidades dos cidadãos, assim, originando um crescimento galopante dos denominados grupos de pressão que posteriormente se fizeram em movimentos de pressão social.

Com a chegada do álbum do MCK, em 2002, “Trincheiras de Ideias”, na arena musical angolana, verificou-se um extraordinário crescimento, em termos de audiências do Rap de intervenção social nos famosos espaços consciente que albergavam cidadãos dos denominados musseques (bairros precários) e alguns da classe média influenciou com que as músicas de intervenção social estivessem voltadas a uma onde de mensagens de subversão e questionamentos sobre a razão de existência da máquina governativa, e por consequência houve um bloqueio dos meios públicos de comunicação, gerando assim o espaço consciente, um lugar alternativo onde jovens alimentados por essas músicas discutirem questões como efeitos da guerra no país, panafricanismo, polarização mundial e tantos outros tópicos da altura.

Em Novembro de 2003, a guarda presidencial tendo causado a morte “Arsénio Sebastião, mais conhecido por Cherokee, lavador de carro nas ruas de Luanda (LAZARO& SILVA,2016), ouvinte de MCK, motivou o mesmo rapper no seu álbum posterior denunciasse as atrocidades como o uso injustificável da força militar, abuso de poder para reprimir os cidadãos, a desgovernação.

Em 2010, algo inédito acontece, o rapper de intervenção social Kid MC, por sinal, o mais popular entre todos, inspirado pelo MCK, lançava o álbum Incorrigível, que conheceu um record nacional de vendas discográficas, massificando ainda mais a informação negada nas escolas e outros lugares responsáveis pelo fomento de educação, temas como “incorrigível, metamorfose e Sinto a vossa dor”, deram a continuação da construção do despertar sobre a situação em que Angola se encontrava.

A então manifestação de 2011, realizada por rappers e cidadãos maioritariamente consumidores de rap de



intervenção social dentre os quais Ikonoclasta, Jang Nomada, Mbanza Hanza, Nito Alves e outras icónicas figuras, representou o grito de sufoco entalado há muito tempo na garganta do povo angolano pelas humilhações que recebiam do governo do MPLA, embora se reconhecesse que a nível internacional cresciam as lutas e quedas dos governos ditadores, a famosa primavera árabe na região do norte África e em alguns Estados do Oriente-médio, tiveram um igual impulsionamento, por essa razão o slogan da manifestação foi “32 é muito”, referindo-se aos anos no poder levado pelo ex-presidente angolano José Eduardo dos Santos, que não poupou esforços em chamar esses jovens emancipados de “frustrados”, palavras essas que foram herdadas e chegaram até o seu sucessor João M. G. Lourenço que se referia aos cidadão activos de “lúmpenes”.

No ano de 2015, quando as manifestações e detenções a manifestantes cresciam por toda Angola, gerando assim o caso “15+2”, dezassete jovens acusados e condenados da tentativa de um golpe de estado. A midiaticização e polemização da situação, gerou uma solidariedade nacional e internacional, criando outras manifestações e vigílias, a intervenção da mídia internacional como pressão para libertação dos jovens.

Diante de uma nova geração de conflitos sociais e culturais, caracterizados pela luta sobre as finalidades da produção cultural, educacional, de saúde e informação de massa, como define Goss e Prudencio apud Touraine (1998), o chamamento ao sujeito como uma resistência a uma forma de dominação social contra a qual se invocam valores, orientações gerais da sociedade.

Nesse sentido os rappers, os ouvintes cidadãos e os grupos de pressão mostram que não estão a serviço de nenhum modelo de sociedade perfeita, mas lutam pela democratização das relações sociais, pois reconhecem a necessidade dela para a efetivação do exercício da cidadania que eram relatadas nas suas letras como ouvidas. Em 2019 vários movimentos municipais juntam-se e criaram o Movimento Jovens pelas Autarquias, mais uma vez com iniciativa dos rappers como os professores Gomes Hata, Kambolo Tiaka Tiaka e Fernando Gomes que realizou várias manifestações defronte a Assembleia Nacional influenciando nas discussões dos pacotes autárquicos. Nesta fase entra-se uma era dos movimentos municipais para discussão dos problemas das comunidades e da implementação das autarquias como uma promessa feita pelo recém-eleito Presidente da República João M.G. Lourenço que mesmo após a sua reeleição, as autarquias não passaram de um discurso que falaciosas condenando a autarquias a um “amanhã não cronológico” da descentralização do poder político.

CONCLUSÕES

Actualmente novas formas ditam os movimentos de contestação social que vão ganhando novos rumos, começando pela modernização dos grupos de pressão ora difusos para agora a construção de movimentos cívicos com vocações de discussão de poderes, a inclusão do género feminino, o surgimentos de ONG’s Internacionais que se juntaram a esta luta. O que parece agudizar-se com o passar dos anos a medida que vão aumentando os meios de comunicação que são também espaços alternativos no exercício de cidadania, neste contexto os movimentos sociais e civis ganham consciência de uma participação que vai crescendo apesar dos entraves impostos pelo governo de Angola.

AGRADECIMENTOS

Os nossos agradecimentos aos nossos familiares com realce as nossas mães Luciana Chimuco Chitungo e Amélia Miguel Ana, pelos esforços que empregam para o nosso desenvolvimento enquanto pessoas e estudantes desde o nosso nascimento até a data presente e aos nossos professores Adolfo Pereira de Souza



Junior e Cláudia Baptista pela disponibilidade e oportunidade que nos deram enquanto orientadores.

REFERÊNCIAS

ANTÓNIO, Nelson Domingos. Transição Pela Transação: uma análise da democratização em AnGOLA.1. ed. Rio de Janeiro: Polobooks,2015.

A Crítica no HIP HOP-Hitler Samussuku e Megga skills (debate). Estado da Cultura. Luanda, Angola: Kano Kortado TV. 02 de junho de 2021. Podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xyc3RyFboHk>. Acesso em: 28 set. 2023.

Filhos da Ala Este (1996). Ideal de paz [EP]. Gravadora independente

GOSS, K. P. e PRUDENCIO, K. O conceito de movimentos sociais revisitado. Em tese: revista eletrônica dos pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC, Florianópolis, vol. 2, n.1, p.75- 91, jan/jul. 2004. Disponível em: Acesso em: 10 jan. 2011.

Gilson Lázaro e Osvaldo Silva, « Hip-hop em Angola: O rap de intervenção social », Cadernos de Estudos Africanos [Online], 31 | 2016, posto online no dia 29 setembro 2016, consultado o 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cea/2013> ; DOI : 10.4000/cea.2013.

JAU, Mussa. Rap Social Como Forma de Resistência Negra Em Portugal Nos Anos 1980-2000. Projeto de Pesquisa. 1. Ed, Salvador. 2018.

SEVERINO, António Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 24. Ed.Ver. e atual São Paulo: Cortez, 2016.